

Contra o esquecimento, vários resistentes ao salazarismo visitaram ontem a antiga sede da PIDE-DGS, no Porto, e reviveram episódios da tortura fascista. São pedaços do passado que, alerta o movimento “Não Apaguem a Memória”, urge preservar. E porque não transformar aquele espaço num museu dedicado à resistência contra a ditadura?

POR NATÁLIA FARIA (TEXTO) E MANUEL ROBERTO (FOTO)

# “AS ESCADAS ERAM UM AQUECIMENTO PARA A TORTURA QUE VINHA A SEGUIR”

“Quando se saía das salas de interrogatório, a alucinação e a tentação de suicídio eram muito fortes” – Jorge Araújo. “Lembro-me de sair deste gabinete, onde estava Rosa Casaco, e de o ouvir discutir com outro que achava que eu ia falar” – Pedro Baptista. “As quatro da manhã do dia 24 ouvimos gritar ‘Morte à PIDE’ e ficámos a achar que se tinham enganado, porque deviam dizer ‘Viva a PIDE’”. O guarda disse-nos que era uma manifestação de estudantes” – Jorge “Pisco”.

As frases soltam-se anárquicas da boca dos vários ex-presos políticos que, ontem à tarde, revisitaram a antiga sede da PIDE-DGS, no Porto. Situado na Rua do Heroísmo, o edifício preserva muitos sinais da passagem da polícia política do Estado Novo. Mais do que isso: da violência que os agentes exerciam sobre os prisioneiros que, ao longo de quatro décadas, foram ali detidos e torturados. E é para que a ditadura não caia no esquecimento que o movimento *Não Apaguem a Memória*, que organizou a visita, luta pela transformação daquele edifício em museu da resistência.

“Aqui era o canto onde os prisioneiros recém-chegados eram fotografados”, aponta Jorge Araújo, enquanto atravessa um corredor exigiu. Direito à cela onde esteve prisioneiro, entre 27 de Abril e 6 de Agosto de 1962, quando conseguiu fugir, recorda: “Ficávamos aqui fechados, à espera que nos viessem buscar para a tortura. Uma mesa, um balde para as necessidades e mais nada. Ah, e os ratos...”.

O grupo, composto por cerca de 30 pessoas, vai-se espalhando pelos cantos da casa. As escadas em caracol que conduzem ao terceiro andar reavivam fantasmas. “Para os interrogatórios ia-se por esta escada acima. Um preso uma vez atirou-se contra uma das janelas”, conta Manuel Jorge Carvalho, director do Museu Militar que, desde 1980, se alberga no edifício. “O subir as escadas era um aquecimento para a tortura que vinha a seguir”, contextualiza Jorge Araújo. “As vezes, não se conseguia descer sozinho, mas era sempre um alívio, sinal de que a tortura tinha acabado”, recorda outro ex-presos.

Os gabinetes de interrogatório-tortura são do tamanho de uma despensa. “Além da

tortura da água e do sono, havia o chamado carrossel, em que quatro ou cinco guardas se punham em roda e o preso no meio a apanhar de todos. Havia um que tinha a mania da régua: durante a tortura do sono, se o preso cambaleava, dava-lhe com a régua em cutelo. Ainda aqui tenho a marca no nariz”, mostra Jorge Araújo.

É raro ouvir o editor da *Campê* das Letras recordar esse período. E se o faz agora é porque acredita que a preservação da memória é a melhor forma de evitar a repetição dos erros do passado. “Os resistentes não gostam de falar da tortura, designadamente os do PCP, que valorizam o colectivo e desvalorizam o individual”, comenta Manuel Loff, historiador e membro do núcleo do Porto do movimento *Não Apaguem a Memória*.

Criado há dois meses, este núcleo procura lançar as bases para que a antiga sede da PIDE acolha um museu dedicado à resistência à ditadura salazarista. A visita dos ex-presos quer-se assim como uma forma de mobilizar atenções para esse projecto – que implicaria a transferência do Museu Militar, eventualmente para a serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia.

“A ideia é preservar a memória da resistência, e isso faz-se com a musealização dos espaços. Se não houver descrições individuais dos casos, é difícil guardar a memória da repressão, porque as ditaduras raramente deixam marcas fotográficas

ou filmográficas”, acrescenta o investigador, que conta, a partir do Outono, começar a filmar depoimentos dos antigos presos do Porto. O resto do acervo poderia alimentar-se, entre outro material, da documentação da PIDE, cujo arquivo jaz na Torre do Tombo, em Lisboa.

“Espero que este movimento tenha êxito no projecto de criar o museu. Era muito importante que os miúdos da escola pudessem cá vir. Eu tenho dois filhos e, não fosse o que lhes vou contando, nem saberiam o que foi o 25 de Abril”, apoia Jorge “Pisco”.

E davam para encher uma albufeira as memórias que este pescador de Matosinhos, agora com 59 anos, guarda da repressão salazarista. “Quando ouvimos gritar ‘Morte à PIDE e a quem os apoia’ e continuávamos sem nos dizer nada, começámos a exigir saber o que se estava a passar. Há um que consegue espreitar um jornal da guarda que falava nos militares, mas, durante algum tempo, julgámos que era um golpe de Estado mais à direita”, recorda. Ele que foi o último preso político a ser libertado no Porto, a 26 de Abril de 1974. ■

## Museu da Resistência à espera de resposta do Exército

A confirmação oficial foi dada na passada quarta-feira: o Museu Militar do Porto vai ser transferido para o Mosteiro da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia. E, segundo o chefe de Estado-Maior do Exército, Valença Pinto, a transferência deverá efectuar-se durante este Verão. O edifício que acolheu a PIDE-DGS, entre o início da década de 30 e 1974, poderá assim ficar disponível para acolher o Museu da Resistência. Numa fase ainda embrionária do projecto, o movimento *Não Apaguem a Memória* não dispõe de compromissos oficiais de disponibilização do edifício, que pertence ao Exército. “Estamos interessados no estudo e divulgação do aparelho repressivo, mas não nos cabe abrir museus”, afirma Maria Rodrigues, do núcleo portuense do movimento. “Estamos ainda a desbravar caminho”, acrescenta Raul Simões Pinto, mais confiante de poder ver agora concretizada a proposta de criação do dito museu que foi rejeitada pela Sociedade Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura. Da parte do Ministério da Defesa, nenhum sinal foi ainda dado quanto ao destino reservado para o edifício da antiga PIDE. O historiador Manuel Loff teme que este siga o exemplo da sede da PIDE, em Lisboa, que foi transformado em condomínio privado.



Jorge Araújo explica como foi arquitectado o plano de fuga do edifício da PIDE-DGS

**seminário**  
**BOLONHA NA ESAP**  
O ensino artístico no espaço europeu do ensino superior

No dia 21 de julho de 2006  
das 9.30h às 18 h  
Auditório da ESAP - rua Comércio do Porto

Programa disponível em [www.esap.pt](http://www.esap.pt)  
Seminário aberto a docentes, alunos, antigos alunos e funcionários

Inscrição limitada à lotação do espaço  
Agradeçamos a reserva mediante preenchimento de formulário disponível em [www.esap.pt](http://www.esap.pt) ou através de [grafesap@esap.pt](mailto:grafesap@esap.pt)

**Lançamento do 1º número da revista da Escola Superior Artística do Porto**  
“Vinte um por vinte um”  
Porto de Honra às 19 h Pátio de Belomonte

Aberto ao Público (entrada pela Rua de Belomonte)

Organização: Associação de IAP  
Patrocínio: ESAP, CESAP

**ICBAS** S. R.  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS DE ABEL SALAZAR**  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Largo Prof. Abel Salazar, 2 - 4099-003 PORTO  
Tel: (351)222062200 - Fax: (351)222062232  
CONSELHO DIRECTIVO

**4.º CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ACUPUNCTURA 2006 / 2007**

SOCIEDADE PORTUGUESA MÉDICA DE ACUPUNCTURA (SPMA)  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS DE ABEL SALAZAR (ICBAS)  
- UNIVERSIDADE DO PORTO -

Direcção - Prof. Doutor Jorge Gonçalves - Universidade do Porto  
Coordenação Científica - Prof. Doutor Fernando Salgado - Universidade de Santiago de Compostela

**DESTINATÁRIOS** - LICENCIADOS EM MEDICINA INSCRITOS NA ORDEM DOS MÉDICOS  
**NÚMERO DE VAGAS** - 25 Alunos  
**CANDIDATURAS** - 19 de Junho a 15 de Setembro de 2006  
**SELECÇÃO DE CANDIDATOS** - 18 a 29 de Setembro de 2006  
**INSCRIÇÕES** - 9 a 22 de Outubro de 2006  
**PROPIÑA** - 2400 Euros  
**NÚMERO DE VAGAS** - 25  
**DURAÇÃO** - 300 horas (teóricas e práticas)  
**HORÁRIO** - sexta-feira (16-20h), sábado (9-19h) e domingo (9-13h)  
**LOCAL** - Pólo das Taipas, 135 - Pós-graduações ICBAS  
**CALENDÁRIO** - Início a 27 de Outubro de 2006  
**Documentos obrigatórios (fotocópias)** - a enviar por correio para a morada abaixo indicada, após candidatura on-line:  
Bilhete de Identidade, Certificado de Habilitações.

Os candidatos admitidos deverão apresentar posteriormente os originais desses documentos (e outros que eventualmente possam vir a ser solicitados), para autenticação.

**QUATRO SEMINÁRIOS DE ESPECIALIZAÇÃO OPCIONAIS (EXTRA PROPINA)**  
ACESSO FACILITADO A CURSOS MONOGRÁFICOS MINISTRADOS NO PORTO EM: ACUPUNCTURA E PATOLOGIA MUSCULOESQUELÉTICA (UNIVERSIDADE DE MACMASTER, CANADÁ); ACUPUNCTURA AURICULAR (UNIVERSIDADE DE NANTES - FRANÇA); CRANEOACUPUNCTURA (UNIVERSIDADE DE SARAGOÇA - ESPANHA) E LASERACUPUNCTURA (UNIVERSIDADE DE PADENBORG - ALEMANHA).

**INFORMAÇÕES** - Dra. Zélia Lopes (Rua das Taipas, 135 - ICBAS 14 - 16 h)  
Tel.: 220014108; 222062221; 932062206; [zmlopes@icbas.up.pt](mailto:zmlopes@icbas.up.pt); [www.icbas.up.pt](http://www.icbas.up.pt)

**CANDIDATURAS** - On-Line, através do endereço [www.icbas.up.pt](http://www.icbas.up.pt) (a partir de 19 de Junho).  
A candidatura só será considerada após a recepção do comprovativo de pagamento e documentos acima indicados.

Secretariado de Pós-graduação do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar  
Largo Prof. Abel Salazar, n.º 2 - 4099-003 Porto.

Professor, já viu o novo Boletim Público na Escola?

Os temas da actualidade na sala de aulas.

**PÚBLICO na Escola**

Contatos: [escola@publico.pt](mailto:escola@publico.pt)  
Assuntos Pedagógicos: 226 151 000 (ao 2.º Útil Terceiras)  
Venda de Publicações: Lisboa: Loja do Público, Rua Vitorino, 17, 1069-315 Lisboa; Porto: Rua João de Barros, 265, 4155-414 Porto

[www.publico.pt/pubnaesc](http://www.publico.pt/pubnaesc)